



Para tudo aquilo que atravessa (muito respeitosamente).

Pactopalavra

Carolina, o ser semovente de olhos vísceras vogais.

Pois a criamos. Ela já há.

vamos com ela?

Cá estamos, lá estamos. Com ela, ao lado dela, nunca exatamente dentro de Carolina.

Carolina é uma ilha ritmada. Ao seu redor os carros lutam contra o tempo presente.

Com gestos irrepreensíveis, segue um roteiro não planejado. Displícite com a massa comovente da cidade, Carolina fotografa a queda da árvore na beira da avenida.



Ela quer comprometer o corpo nos olhos do tempo.

Carolina brinca de um jogo de olhar, como nós.

O olho, massa líquida.
O olho, a dor que nos tateia.
O olho, o círculo que nos abraça.

Perco minha respiração antes de te abraçar. Carolina, meu amuleto: me ajuda a manter a calma?

Quando eu digo Carolina, tu a vês, não vês? Mas onde ela está? Que olho a observa?

Eu escrevo Carolina. E tu a enxergas dentro de cada palavra. Transformas a tinta preta sobre o retângulo do papel na imagem de Carolina retangulando a árvore.

Somos olhosretângulos: tu, eu e Carolina.

Eu quero que ela caiba na página. Mas ela escorrega. Carolina quer tudo, menos caber.

ELA

quer comprometer o corpo nos olhos do tempo.

Por que tu não queres me ajudar a contê-la?